

Dr. David A. deSilva , Hebreus, Sessão 13, O Sermão “aos Hebreus” e a Arte da Pregação

© 2024 David deSilva e Ted Hildebrandt

Nesta e na apresentação seguinte, focaremos na pregação por meio de Hebreus em dois níveis. Primeiro, as estratégias homiléticas são modeladas por este autor. E segundo, a mensagem central de Hebreus, cuja proclamação permanece perenemente essencial para nutrir a resposta fiel.

O primeiro foco é porque o autor de Hebreus foi um pregador mestre, e estamos acostumados a olhar para os sermões de pregadores mestres em um esforço para discernir suas estratégias e talvez pensar em imitar essas estratégias quando apropriado em um esforço para melhorar nossa própria pregação. O segundo foco é porque a palavra proclamada por Hebreus merece ser proclamada com mais frequência e mais amplamente às congregações em nossa era. Então, primeiro, focamos em aprender com o exemplo do pregador.

A primeira coisa que ele nos ensina nos dois capítulos iniciais de seu sermão é sempre dar-lhes Jesus. O objetivo de toda retórica, incluindo retórica de sermão ou homilética, é mover uma audiência de onde ela está para onde o orador quer que ela esteja. Essa distância pode não ser muito grande.

Na verdade, o orador pode simplesmente querer confirmar que o público está onde está. Mas a retórica está sempre preocupada com essa distância e em levar o público até esse ponto final. A arte da retórica está no como.

Como movemos uma audiência de estar preocupada com o que os preocupa para estar preocupada com o que achamos que deveria preocupá-los? Como movemos uma audiência de fazer o que eles poderiam pensar ser do seu melhor interesse para fazer o que acreditamos, com base nas escrituras, será do seu melhor interesse? À medida que buscamos transpor essa distância por meio da fala, onde começamos pode ser de vital importância. Dada a situação da audiência do pregador de Hebreus, fico surpreso com quantos lugares esse pregador poderia ter começado seu sermão, mas não o fez. Ele poderia ter começado com as experiências passadas e atuais do destinatário.

Eu sei que muitos de vocês sofreram muito e desistiram de muita coisa nos últimos anos. Ele poderia ter começado repreendendo a congregação pelos problemas que se desenvolveram. Ouvi dizer que alguns de vocês pararam de ir à igreja, e o resto de vocês não está fazendo nada a respeito.

Ele poderia ter começado com uma história bíblica, como a da geração do deserto. Agora, para apreciar essa história, precisamos entender algumas coisas sobre a história dos hebreus. Mas ele não começou em nenhum desses lugares.

Em vez disso, ele começa com uma declaração contundente sobre como Deus falou em um filho, que essa declaração era diferente das palavras parciais e fragmentadas que Deus usou para falar por meio dos profetas, e que esse orador era diferente daqueles fiéis, mas em comparação, servos de Deus bastante comuns. O que é realmente importante na história recente aqui, pessoal? Não é que você esteja passando por um momento difícil porque seus vizinhos estão descontentes com você e estão pressionando você. É que Deus, o governante todo-poderoso do cosmos, falou uma palavra definitiva sobre a libertação por meio do filho de Deus, o parceiro de Deus na criação, o agente de Deus na sustentação da ordem cósmica, um ser que carrega a própria marca e imagem de Deus, que assumiu a carne por um breve período para realizar algo vitalmente importante a um grande custo pessoal e então retornou ao reino divino para tomar seu assento à direita da majestade no céu.

Agora, esse é um evento incrível na história recente, digno de toda a nossa atenção. E nosso autor não para por aí. Ele passa 10 versos inteiros fazendo os ouvintes imaginarem a grandeza do Cristo que eles seguem mais uma vez.

Reunindo escrituras que os ajudem a visualizar o lugar de Cristo no reino de Deus, os ajudem a ver os anjos adorando ao redor dele e os ajudem a compreender a firmeza e confiabilidade imutáveis do filho a quem eles se comprometeram. E então, depois de sugerir que eles dessem melhor a esse filho e à sua mensagem sua atenção e investimento completos e indivisos em resposta, ele continua falando ainda mais sobre o que esse filho fez por eles, o que ele está pronto para oferecer a eles agora e para onde ele os está levando por tudo isso. E com isso, esse pregador realizou algumas coisas muito importantes retoricamente.

Mesmo em meio aos seus desafios e às coisas que estavam dando errado em sua situação, ele direcionou a atenção deles de volta para Jesus, para a atividade e missão de Deus no mundo, falando neste filho. Ele lhes ofereceu uma escolha no momento sem ter que falar sobre as opções. Continue focando nos problemas e talvez encontre uma solução de compromisso que embotará seu testemunho, paralisará seu discipulado, atrapalhará sua caminhada ou se concentrará no que Deus representa na história de sua congregação em meio à história humana.

Dê a isso sua total atenção. Dê a isso o devido peso enquanto pensa sobre o que fazer em seguida. E encontre sua situação transformada pelas oportunidades que você tem de responder a Deus e avançar os propósitos de Deus em você, sua congregação e seu testemunho.

E, claro, o pregador fez mais além. A situação da congregação imprime a experiência de perda, ansiedade e insegurança nas mentes dos crentes, e naturalmente os predispõe a criar estratégias para aliviar esses problemas. A situação do anúncio de libertação de Deus por meio do filho, no entanto, imprime em suas mentes a prioridade mais alta de se apegar a essa tábua de salvação.

A situação da congregação os faz sentir impotentes e desprezados, provocando perguntas sobre a sabedoria do caminho que escolheram quando começaram a seguir a Cristo. A situação da morte de Jesus em seu favor e ascensão à mão direita de Deus para garantir o favor de Deus para eles em tempos de necessidade os lembra da liberdade que Cristo lhes deu, o destino de honra que os aguarda, a disponibilidade de ajuda agora em meio às suas aflições temporárias. Ao mostrar-lhes Jesus, o pregador mostrou-lhes que o fim de sua história será honra e glória enquanto eles continuam seguindo o Senhor que primeiro andou pelas aflições que eles agora sofrem antes de entrar em si mesmo em honra para sempre.

Ao fazer isso, o pregador tirou os olhos de sua própria situação apenas o tempo suficiente para dar a eles a perspectiva de que precisariam para retornar a ela e perseverar. Para este autor, a canção, Turn Your Eyes Upon Jesus, não sinalizaria uma estratégia escapista sentimental. Ao verem Jesus nestes capítulos iniciais de Hebreus, eles veem o Senhor exaltado cuja honra eles compartilharão e cuja ajuda eles desfrutarão ao longo do caminho, um remédio potente para os sentimentos de vergonha e impotência que seus vizinhos buscam impor a eles, e por meio do qual eles esperam minar o comprometimento dos crentes com este modo de vida e este evangelho que mantém seu próprio modo de vida sob escrutínio crítico.

Ver Jesus mais completamente e as circunstâncias urgentes de alguém um pouco mais obscuramente por um tempo capacita um retorno àquelas circunstâncias comprometidas a superar em vez de serem superadas. E então, a primeira estratégia homilética que este pregador pode nos legar seria nos chamar para refletir sobre a questão, o que nossas congregações precisam ver do Senhor a quem servimos para obter perspectiva sobre seus desafios atuais, para responder às oportunidades e problemas de sua situação com fidelidade, e talvez até mesmo com poder transformador e investimento? A segunda lição que este pregador nos daria é moldar o momento com as Escrituras. Isso nos leva ao seu terceiro e quarto capítulos em sua reflexão sobre a história da geração do deserto em Êxodo a Números.

A maneira como enquadramos o momento em que a congregação se encontra e a maneira como definimos seus desafios e oportunidades exerce pressão significativa sobre como eles verão sua própria condição e situação naquele momento. Neste segundo grande bloco de Hebreus, o pregador olha para um precedente bíblico cuidadosamente selecionado como um recurso para esta tarefa de sobrepor as preocupações mundanas que dissipam as energias da congregação e impulsionam o discipulado fiel com uma estrutura que, em vez disso, refocaliza e reúne essas

energias e impulsiona de volta ao investimento de todo o coração na jornada cristã. A maneira como ele aborda isso é realmente inteligente.

A história subjacente que fornece essa tela que ele estenderá como pano de fundo para a situação de sua própria congregação vem de Números, capítulo 14. O autor do Salmo 95, no entanto, já havia feito uma aplicação homilética dessa história, e é essa aplicação que nosso pregador escolhe como seu ponto de entrada. Hoje, se você ouvir a voz de Deus, não endureça seus corações como na rebelião.

Ao usar aquele aviso familiar no Salmo 95 e ao usar Números 14 como uma sobreposição interpretativa para a situação da congregação, o pregador novamente levanta a questão para os ouvintes e os ajuda a guiá-los para uma resposta estratégica. Qual é a ameaça real para nós neste momento? A ameaça não é que as coisas nunca vão melhorar para nós enquanto continuarmos sendo vistos saindo com outros cristãos ou enquanto não nos envolvermos nessas práticas que todos os outros fazem para progredir. A ameaça real é que nossos corações se endurecerão para a voz de Deus nos chamando para a frente.

Não mais acreditaremos em suas promessas e em sua boa vontade e capacidade de nos levar à experiência dessas promessas. Nós nos encontraremos acometidos de esclerose espiritual, com corações perversos de desconfiança que se afastam do Deus vivo, como o pregador coloca. Revisamos essa história no curso de nossa exposição de Hebreus.

Os antigos hebreus foram resgatados da escravidão no Egito, libertados milagrosamente no Mar Vermelho, providos de comida e água durante sua jornada pelo deserto, e agora estavam no limiar da entrada na terra prometida. A ordem de Deus era seguir em frente e tomar a terra. Os hebreus enviaram 12 espiões a Canaã para fazer um reconhecimento.

Dez relataram que os habitantes eram muito fortes e suas cidades muito bem fortificadas. Josué e Calebe falaram da bondade da terra e instaram seus pares a seguir em frente com confiança. Os hebreus acreditaram no relato da maioria, culpando Deus por tirá-los do Egito para morrer no deserto.

Em vez de seguir adiante, eles planejaram eleger um novo líder que os levaria de volta ao Egito. Em resposta à rebelião deles, Deus promete que todos eles realmente morrerão no deserto, mas que Josué e Calebe levarão seus filhos para a terra prometida. A geração do deserto tinha sérios problemas cardíacos.

Eles mostraram a doença de seus corações ao desconfiar da bondade e do poder de Deus, acusando Deus de trabalhar insidiosamente para lhes trazer dano em vez das grandes bênçãos que Deus havia prometido. Eles foram enganados pelo poder do pecado. Temer a oposição humana os impediu de seguir em frente.

E o desejo por confortos tangíveis, como as carnes cozidas do Egito, mesmo que o custo fosse a escravidão, os fez desejar voltar. Sua desconfiança os alienou de Deus, pois seus corações se afastaram de Deus e do objetivo prometido e voltaram para bens menores oferecidos por uma vida de escravidão. No capítulo 4, versículos 1 a 13, e novamente no capítulo 10, versículos 19 a 25, o pregador fará com que esse exemplo seja marcante para os ouvintes originais.

Como a geração do deserto, eles também desfrutaram da presença e provisão de Deus em abundância enquanto se afastavam do conforto e do abraço da vida que conheciam em direção ao seu destino divinamente designado. Eles também estavam em um limiar. Eles receberam a promessa de entrada em uma terra natal.

Desta vez, no entanto, a promessa de entrada no reino eterno, seguindo Jesus como seu precursor que ofereceu sua vida em um ato perfeito de obediência para prepará-los para cruzar este limiar. Ao se moverem através daquele limiar, eles encontrariam a hostilidade contínua de seu vizinho. Mas eles também teriam a ajuda contínua de Deus para perseverar.

O pecado os enganaria a pensar que o que haviam perdido era um preço muito alto para continuar pagando pelas promessas de Deus, se essas promessas se materializassem? Seus corações se desviariam de valorizar seu relacionamento com Deus e a ajuda de Jesus, voltando-se para a ânsia pela aceitação de seus vizinhos e pelo desfrute dos bens e prazeres deste mundo, sendo endurecidos pela falta de confiança e pelo desejo de compensação de curto prazo? Alguns corações foram endurecidos, considerando mais a opinião e a hostilidade da sociedade do que o Deus que lhes prometeu um reino inabalável, vacilando em seu compromisso no momento em que estavam mais perto do que nunca de atingir o que lhes havia sido prometido. Alguns de sua companhia já começaram a jornada de volta ao Egito. Essas pessoas deixaram de se encontrar com seus companheiros cristãos, recuando daqueles lugares e daquelas associações que seus vizinhos descrentes consideravam inaceitáveis.

O pregador exerceu o máximo cuidado em sua seleção de qual episódio bíblico apresentar como análogo à situação em que sua congregação se encontra. Uma escolha ruim aqui teria minado seu sermão inteiramente. Qual teria sido o efeito, por exemplo, de retratar os ouvintes não em um limiar, mas em um portão de partida? A estrutura mental do limiar ressalta a rigidez das escolhas.

Escolha o que Deus promete e siga em frente, disposto a pagar o custo, ou pare, vire-se e retorne à vida da qual Deus estava chamando você, ao seio daqueles cuja perspectiva nunca foi despertada pela fé em primeiro lugar. O quadro mental reforça a questão que o pregador quer que a congregação veja como a questão principal para eles abordarem. Eles recuarão ou exibirão confiança em Deus? E o fazem de tal

forma que tornam a perseverança não apenas viável, mas, de fato, a única escolha sensata.

A parte difícil da jornada ficou para trás, e eles estão na beira da terra prometida. Eles já investiram muito para chegar a esse ponto. Certamente, faz sentido investir um pouco mais e, assim, chegar à recompensa prometida.

O pregador torna isso explícito no capítulo 10, versículo 35. Pode-se argumentar que o pregador se envolveu em um pouco de manipulação aqui, já que não está claro em que sentido a congregação estava realmente em tal limiar. Cristo não retornou dentro do ano para conduzi-los ao santo dos santos celestial.

Eles não foram, com toda a probabilidade, vítimas de uma perseguição que os transportou através daquele limiar de forma inoportuna. Eles tiveram que perseverar por anos. Até mesmo décadas a mais, sem ver a pátria celestial, a terra da promessa.

Acredito, no entanto, que o pregador aplicou essa história e essa estrutura mental de estar em um limiar de boa fé. Que ele percebeu que eles estavam, de fato, em um limiar em seu próprio comprometimento com Deus e uns com os outros. De fato, a cada dia, em meio a tentações e pressões para desistir, apresentava-lhes uma nova decisão de limiar.

Continuaremos cruzando o futuro de Deus com fé? Ou olharemos para trás com saudade para a vida e a companhia que deixamos para trás? Novamente, a estrutura mental do limiar e as escolhas óbvias que se apresentam em um limiar reformulam a visão de uma congregação sobre sua situação e forçam a pergunta sobre eles. O que você realmente representa? O que você realmente é? Você é a favor de Deus e das promessas de Deus? Ou você é a favor dos confortos, segurança e afirmação que vêm do mundo e suas promessas? Assim que uma pessoa responde a essa pergunta e dá um passo em qualquer direção, ela certamente cruzou um limiar em sua caminhada espiritual. E então a segunda estratégia que esse pregador nos ofereceria seria olhar longa e atentamente para onde nossa congregação se encontra, tentando discernir a visão do céu sobre essa questão, e então usar histórias e imagens da tradição sagrada das Escrituras estrategicamente para iluminar o verdadeiro desafio no momento em termos da missão de Deus neste mundo e no meio da congregação, para levar a congregação a ver a resposta que manifesta confiança na palavra de Deus e fidelidade a Deus como o caminho mais razoável e vantajoso a seguir.

A terceira estratégia que o autor nos apresenta é responsabilizar nossa congregação. Encontramos isso especialmente em Hebreus capítulo 5, versículo 11, até o capítulo 6:20. Isso é frequentemente chamado de digressão em seu argumento, mas é realmente uma espécie de chamada para despertar no meio de seu sermão.

Neste terceiro segmento, neste terceiro movimento, o pregador faz uma pausa no movimento de avanço de seu sermão para chamar sua congregação à prestação de contas, a uma maior atenção e a um maior investimento de si mesmos. Ele os deixa saber com bastante ousadia que espera grandes coisas deles, nascidas da maturidade espiritual. Ele também os lembra de sua responsabilidade perante Deus pelos dons de Deus.

No capítulo 5, versículos 11 a 14, ouvimos um pregador que não foi reticente em desafiar sua congregação a viver de acordo com a medida de instrução cristã que eles receberam. Na estimativa do pregador, muitos mais deles deveriam ter se engajado ativamente na liderança cristã dentro da congregação, reforçando a fé e a esperança dos menos maduros e vacilantes, indo atrás dos de mente dupla, como pastores procurando a ovelha que está se afastando do rebanho, em vez de cuidar de seus próprios negócios como ovelhas mudas. O apóstolo Paulo também desafiou seus leitores em Filipos.

Mesmo que não sejamos completos ou maduros, vamos pelo menos nos alinhar com o que alcançamos. Muitos crentes poderiam lucrar sendo pressionados sobre esse ponto. Eles vivem pelo que confessam com seus lábios ou sabem em suas cabeças ser a verdade de nossa existência neste mundo temporário? Eles vivem de acordo com os votos que fizeram em seu batismo ou confirmação? Nós vivemos de acordo com as promessas que fazemos no batismo de outros ou na recepção de outros em nossa congregação, ou seja, nutri-los e encorajá-los na fé que eles abraçaram ou serão movidos a abraçar se forem batizados quando crianças e criados em uma congregação verdadeiramente solidária e acolhedora? O que aconteceria com o clima espiritual em nossas igrejas se nossas congregações vivessem esses votos? Se mantivéssemos a expectativa consistente de que esses votos seriam vividos, que realmente esperávamos que nosso povo os cumprisse e encontrasse seu autorrespeito na congregação na medida em que se investissem em ser fiéis a esses votos? Continuamos a incitar nossas congregações à maturidade e ao discipulado, a nascerem para a perfeição ou para a maturidade como o pregador de Hebreus faz? Nós os ajudamos a permanecerem sempre cientes de que o batismo, a conversão, a confirmação ou a filiação a uma igreja são apenas o estágio larval de um grande processo contínuo de metamorfose, impelindo-os cada vez mais em direção à semelhança de Cristo e chamando-os a assumir maior responsabilidade para ajudar uns aos outros nessa jornada? Indiscutivelmente, só conhecemos realmente aquilo que estamos dispostos a viver, e só confessamos verdadeiramente algo como verdadeiro quando tomamos medidas para agir e traçar nosso curso por essa verdade.

Hebreus 5:11 a 14 pode nos desafiar precisamente neste ponto, motivando aqueles de nós que passaram anos ou mesmo décadas na fé a aceitar nosso status e responsabilidade como professores, isto é, como aqueles que assumem um papel ativo em modelar o modo de vida cristão, vivendo de acordo com o que sabemos, e

encorajando, exortando, desafiando outros a seguirem esse caminho mais intensamente e de todo o coração. O pregador espera grandes coisas de sua congregação, nascidas da maturidade espiritual. Ele também os responsabiliza pela graça que receberam de Deus.

Já exploramos esse tópico longamente em uma sessão anterior. Então, aqui, basta dizer que o pregador também modela a expectativa de gratidão custosa pela graça custosa que nos foi dada. Ao fazer isso, ele aumenta a conscientização e a apreciação de seus ouvintes pelos dons que receberam e pelos privilégios e favores que desfrutam atualmente.

A experiência deles da graça de Deus se torna proporcionalmente mais real em sua própria experiência e em sua própria consciência à medida que seu investimento em fazer e manter uma resposta grata aumenta. A consciência desses dons e privilégios se torna um poço de gratidão, brotando em rios renovadores de testemunho, compromisso cristão e atos de serviço e alcance. Então, a terceira estratégia homilética que nosso pregador nos recomenda é esta.

Deixe a congregação saber que você espera grandes coisas deles, nascidas da maturidade espiritual. Mantenha-os responsáveis perante Deus pela graça que receberam de Deus. A quarta estratégia homilética que este pregador modela é simples.

Faça-o substancial. Este pregador não é desleixado. Ele dedica quatro capítulos inteiros para compartilhar sua resposta a uma difícil questão teológica.

Como podemos ter certeza de que a morte de Jesus realmente trouxe uma mudança em nosso relacionamento com Deus, particularmente quando as escrituras sagradas não dizem nada sobre um sacrifício humano ser aceitável a Deus? Ou o que torna uma cruz fora do acampamento um altar mais adequado para um dia melhor de expiação do que o altar em Jerusalém? Este pregador não apenas faz perguntas difíceis e depois as enrola. Ele reservou um tempo para realmente se aprofundar e entender os textos sagrados e os rituais antigos, para reconhecer e lidar com as dificuldades e para formular uma resposta que forneça a base para uma garantia razoável sobre a questão e, portanto, a base para o investimento contínuo no modo de vida construído em torno desta teologia de Jesus. O pregador que criou Hebreus desafia outros pastores a investir tempo e energia no ministério da Palavra em seu trabalho como os principais teólogos, eticistas e intérpretes bíblicos na Igreja, os porta-vozes da tradição sagrada.

Há 100 expectativas sobre os pastores toda semana. Há 100 desculpas para não dedicar mais tempo à leitura, reflexão e pensamento teológico sobre as questões difíceis que as pessoas enfrentam em seu ambiente particular ou em nossos ambientes compartilhados. Provavelmente não há muita afirmação vinda dos

comitês de relações paroquiais da equipe ou dos leitores dos relatórios anuais se alguns dos negócios administrativos deslizam porque você está levando o ministério da Palavra muito a sério e tentando ajudar os paroquianos a juntar as peças da tradição sagrada com as peças de suas vidas fragmentadas neste mundo de uma forma verdadeiramente coerente, responsável e até profunda.

E, no entanto, este mestre pregador nos desafia que este é, de fato, nosso trabalho como pregadores, uma parte indispensável do nosso trabalho, um aspecto de nossa responsabilidade de sermos salvaguardados a todo custo do ataque da síndrome do pastor ocupado. Seu quarto conselho para a excelência homilética seria este. Não se deixem levar por se aprofundarem nas questões difíceis e desafiadoras, questões que têm a ver com a coerência e a viabilidade da fé que proclamamos, bem como questões que têm a ver com viver uma vida e discernir respostas que sejam consonantes com essa fé.

Não fuja do trabalho rigoroso de mineração das escrituras e da herança da Igreja Cristã para as respostas que fornecem a garantia de que nossa esperança é real. Não fuja do trabalho rigoroso que leva à garantia de que Deus é e faz, como nossa fé proclama que Deus é e faz, e que as respostas que estamos pedindo são de fato as respostas que Deus está buscando. Este pregador entendeu melhor do que a maioria dos membros do comitê de relações paroquiais da equipe que uma profundidade de compreensão teológica como a base para o discernimento radical e persistente no discipulado e na missão é absolutamente essencial.

Mas quanto mais atendermos a esse fundamento em nossas próprias igrejas, e quanto mais esses membros do comitê virem seus frutos nas vidas dos membros da Igreja e em suas próprias vidas, mais, talvez, os conquistaremos. E a lição final que esse pregador nos daria, que pregamos, é liberar a paixão da congregação pela excelência. Isso aparece principalmente nos capítulos 11, 12 e 13 de seu sermão .

Este pregador encoraja a excelência. Ele sabe que as pessoas têm uma paixão pela excelência ou pelo menos podem ser movidas a tal paixão. Ele ressoa com aqueles que querem atingir honra e autorrespeito e que querem alcançar grandes coisas em suas vidas.

Ele libera a paixão da congregação pela excelência em vez de tentar fechá-la porque, em alguns casos, essa paixão pode ser mal direcionada para o sucesso de acordo com os modelos mantidos dentro da sociedade não cristã. Em vez disso, esse pregador encoraja os desencorajados e os desgraçados a despertar ainda mais plenamente para suas ambições, mas a fazê-lo em uma direção para Deus e com vista aos aplausos do céu. Várias décadas atrás, houve um programa popular chamado *Lifestyles of the Rich and Famous*.

Meus próprios avós assistiam fielmente, e eu frequentemente assistia com eles. Nós visitávamos mansões palacianas, espiávamos a vida privada de pessoas célebres e ouvíamos sobre o que o narrador elogiava como a boa vida. Essas pessoas realmente pareciam ter feito algo de suas vidas.

Cresci admirando-os e queria imitá-los e desfrutar do mesmo sucesso. Mas o Salvador crucificado, em cuja semelhança os cristãos deveriam esperar crescer, nunca teria sido apresentado naquele programa do horário nobre. Para ser grande no reino de Deus e ser livre para servir a Deus, é preciso renunciar aos valores representados em tal programa.

E como vimos, o pregador aborda esse problema de frente durante todo o sermão, que chamamos de carta aos Hebreus. Ao mesmo tempo, o pregador convida sua congregação a sintonizar outro show, o *Lifestyles of the Rich Toward God*. Hebreus 11, com seu desfile de grandes realizadores ao longo da história sagrada, precedido pelo exemplo da própria congregação em sua antiga paixão e aperfeiçoado no capítulo 12 pelo exemplo de Jesus, que fornece um tipo de esperança e um tipo de final de temporada para tal show.

Essas pessoas fizeram um nome para si mesmas não por alcançarem sucesso visível ou acumularem fortunas, ou escalarem escadas de poder mundano, mas por seguirem aonde Deus as levasse, buscando destemidamente a visão maior que Deus implantou em suas almas, mesmo que isso significasse renunciar a todas as reivindicações de status e lugar neste mundo. As escolhas feitas por essas pessoas, Abraão, Moisés, os mártires e os marginalizados, e o próprio Jesus, nos ensinam que mesmo a desgraça que vem sobre nós ao seguirmos Jesus é de maior valor do que a honra daqueles que estão alienados de Deus. Não há espaço para um evangelho da prosperidade na teologia deste pregador, pois a prosperidade vem com muita frequência da acomodação à ética e aos valores deste mundo, nem há glorificação do sofrimento por si só.

A grandeza vem unicamente de permanecer leal a Deus e seguir o caminho que mantém esse relacionamento, seja para a vitória e realizações notáveis, que até mesmo o descrente não pode deixar de elogiar, ou para uma vida longe dos holofotes da sociedade, até mesmo para a privação, o desprezo e o ridículo. Exemplos de pessoas que viveram pela fé, que se afastaram das buscas triviais de prêmios temporários para a busca do fruto pacífico da justiça, poderiam ser multiplicados infinitamente e deveriam ser multiplicados. Se o autor de Hebreus achou útil cercar sua congregação com essa multidão de espectadores, nós também poderíamos nos beneficiar de cercar a nós mesmos e aos nossos companheiros crentes com uma nuvem sempre crescente daqueles cuja fé testifica a realidade de nosso objetivo compartilhado e cujas escolhas de vida podem despertar nossa ambição em direções sagradas.

Tal esforço é ainda mais necessário porque essas outras vozes ao nosso redor, sejam elas as vozes da mídia ou de conhecidos facilmente impressionáveis, buscam inundar as arquibancadas ao nosso redor com exemplos de outro tipo, ou seja, aqueles que são histórias de sucesso, conforme nossa sociedade avalia o sucesso. O autor de Hebreus revela o quão importante é formar uma imagem piedosa de heroísmo. Para aqueles que admiramos ou mesmo invejamos, desejamos imitar.

Não podemos deixar de sentir um certo puxão para internalizar os valores e as ambições que trouxeram sucesso e glória ao herói. Então, escolher bem esses heróis é crucial para correr a corrida certa. Nós admiramos aqueles que ganham US\$ 20 milhões por um único filme? Ou admiramos aqueles que ministram no anonimato virtual, consertando vidas ou orientando crianças nos centros urbanos? Estamos impressionados com os titãs do Vale do Silício? Ou estamos impressionados com empreendedores que atendem os pobres, os doentes e os feios? Seguimos com interesse, até mesmo obsessão, as carreiras de atletas profissionais ou os passos daqueles que estão presos porque testemunharam a fé em Jesus Cristo? Seria, portanto, útil para nós nos cercarmos de exemplos de fé em vez de exemplos de pessoas que se fizeram por si mesmas, para nos afastarmos dos estilos de vida dos ricos e famosos e olharmos, em vez disso, para os estilos de vida dos ricos em direção a Deus.

A história da Igreja Cristã está cheia de exemplos impressionantes de fé. Mas nem precisamos ir além da nossa geração atual para descobrir aqueles cuja luta pela fé deve reacender nossa própria paixão por Deus. Uma grande nuvem de testemunhas pode ser encontrada nos sobreviventes e mártires de trás da Cortina de Ferro, ou no Sudeste Asiático, ou no norte da Índia.

O pregador pode nos incitar, por seu próprio exemplo, a contar suas histórias, a manter diante dos olhos de nossa congregação visões de grandeza aos olhos de Deus para que o Espírito Santo possa despertar ambições santas. O pregador continua em seu sermão a usar várias imagens para a vida e seus desafios que orientam os ouvintes em direção a esses desafios de uma forma que promova engajamento sincero e diligente, e assim promova a vitória sobre esses desafios. A vida, por exemplo, é uma grande competição na qual somos chamados a competir e vencer.

É uma competição que muitos já correram com sucesso antes, e agora assistem à nossa própria corrida ou à nossa própria luta livre das arquibancadas celestiais para as quais passaram após sua própria vitória. A vida é uma competição que oferece prêmios eternos para aqueles que perseveraram até o fim, que se investem totalmente no discipulado, testemunho e serviço, e que correm bem. A vida também é uma experiência formativa na qual Deus molda nosso caráter e nutre virtudes particulares, exercendo nosso compromisso com Deus e refinando nossas ambições para que nossos corações estejam totalmente voltados para Deus e para as

promessas de Deus, tudo com o objetivo de nos equipar com nobreza e nos preparar para um destino glorioso.

Ao usar esse exemplo de treinamento, o autor de Hebreus transforma as próprias tentativas da sociedade de envergonhar a congregação em tentativas de Deus de moldá-la, com o resultado de que as ambições dos crentes podem ser definidas em perseverar, engajar e perseverar por meio das tentativas de seus vizinhos de dissuadi-los do discipulado, virando as metas da sociedade para essas tentativas de cabeça para baixo. A vida cristã é uma jornada emocionante. É como estar no campo em um jogo climático diante de uma multidão animada.

É como um exercício de treinamento para o negócio da eternidade. É um caminho para uma fama e sucesso maiores e mais duradouros do que qualquer coisa que poderíamos ter nos animado em nossa preparação e carreira secular. O pregador de Hebreus nos desafia em nossa própria pregação a transmitir algo dessa excitação, a atizar as ambições e a sede de grandeza de nossa congregação, a enviá-los, inundando de volta em suas vidas para competir na nobre disputa pela santidade, buscando a coroa do vencedor das mãos do próprio Deus.